

Para além do mediterrâneo: especulações sobre a gênese da Cuca de Monteiro Lobato

Enviado em
07/06/2012

Aprovado em
26/06/201

Margaret M. Bakos^{1*}

Prof. adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
mmbakos@portoweb.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a instigante ideia de que a “Cuca”, uma figura meio mulher, meio-crocodilo, criada pela imaginação do escritor brasileiro Monteiro Lobato, poderia ter sido inspirada na imagem de Tawret, a deusa protetora dos nascimentos e dos bebês, cultuada em Deir el Medina.

83

Palavras chaves

Deir el Medina, Taweret, Cuca, Monteiro Lobato

Abstract

The purpose of this article is to discuss the instigating idea that the “Cuca”, a figure of a half-crocodile woman, created by the imagination of the Brazilian writer Monteiro Lobato, could have been inspired on the image of Tawret, the protector goddess of birth and children, worshipped in the Village of Deir el Medina.

Keywords

Deir el Medina, Taweret, Cuca, Monteiro Lobato

1 * Bolsista de Produtividade do CNPq, Pós doutoramento em Egiptologia – University College London.

1. Preliminares

O presente artigo propõe-se a discutir uma ideia bastante instigante que foi ganhando corpo durante as apresentações, no Brasil e no exterior, de palestras e conferências sobre Tawret, divindade do Egito antigo, cultuada na Vila de Deir el Medina como protetora das mulheres parturientes e dos bebês. As semelhanças da divindade com a personagem Cuca, tal como é configurada na obra de Monteiro Lobato, foram apontadas por membros das plateias em diferentes ocasiões.

Essas observações, tantas vezes reiteradas pelos participantes, resultaram na busca das origens desse mito brasileiro. As informações que foram obtidas tanto na consulta à bibliografia especializada, quanto no conteúdo de entrevistas realizadas com leitores de Monteiro Lobato de diversas idades, surpreenderam. De todas essas falas, talvez a mais emocionante tenha sido o depoimento de um psicanalista de notória competência no Rio Grande do Sul, o qual fez questão de relatar seu desconforto na infância no que concerne à aparência e ao comportamento da Cuca, peculiar entre os personagens de Monteiro Lobato, marcados por traços bem brasileiros. Os diferentes discursos registravam uma curiosidade em comum: o que fazia Cuca, uma espécie de bruxa malvada com focinho de crocodilo, no contexto brasileiro do início do século XX? Para o imaginário infantil da época, sem dúvida, era incomum a menção a seres híbridos como a Cuca, figura que ainda merece maior atenção.

84

2. Gênese da Cuca

Para entender a Cuca de Monteiro Lobato, é importante conhecer um pouco do seu criador. Ele era visto por alguns como

[...] um visionário, uma pessoa à frente de seu tempo, responsável por uma das maiores transformações ocorridas no meio editorial brasileiro no início do século XX. Ele chegou a ser descrito por um amigo como um homem que ‘pertencia a essa rara família de profetas e poetas que condensam de súbito, para um momento e um povo, a sua própria essência espiritual.’ (VENANCIO, 2004: 118)

A crítica atual, explica Tania Regina de Luca, busca “esmaecer o impacto causado por Lobato nos meios cultos, sobretudo por levar em conta as experiências estéticas que se seguiram”, mas, segundo a mesma autora

No que respeita à atitude literária, Alfredo Bosi indicou que seus textos para adultos são perpassados pelo gosto da tipicidade, estão vasados num realismo estilístico que sai à cata da palavra mais justa, resvalando na caricatura e no ridículo, além de não conseguirem extrapolar o horizonte de percepção, restrito ao mundo rural paulista. (LUCA, 2004: 143)

Contudo, complementa de Luca, por mais acertadas que sejam estas palavras, é preciso avaliar o lugar decisivo *ocupado por Lobato até meados da década de 1920, e que derivou apenas das qualidades estéticas que os coevos com ou sem razão, lhe creditavam.* (LUCA, 2004: 143)

Quem nunca ouviu: “nana, nenê, que a Cuca vai pegar. Papai foi pra roça, mamãe foi trabalhar” (cancioneiro popular).

Essa cantiga, possivelmente oriunda das tradições ibéricas, pode ter sido perpetuada em nosso país pela homônima Cuca de Monteiro Lobato. Muitos afirmam que um dos principais mitos brasileiros é o da Cuca. Configurada popularmente como uma velha feia que rouba crianças, a entidade tem como diferencial a aparência física, ou seja, o fato de contar com uma cabeça de jacaré. Há várias versões sobre as origens desse ser presente no cancionário e no folclore brasileiros. Trata-se de lendas muito antigas, provavelmente trazidas pela colonização portuguesa. O responsável pela transformação dessa criatura – que vem alimentando há bastante tempo as fantasias infantis – em personagem midiático de longos cabelos loiros, foi talvez, indiretamente, Monteiro Lobato, em decorrência das inúmeras adaptações de seu livro, *O sítio do picapau amarelo*, para a televisão. É preciso que se diga que, já na versão original de seu livro, *O saci*, publicado em 1921, a Cuca aparecia representada como uma bruxa velha com rosto de jacaré e unhas compridas como as de uma ave de rapina.

85

A gênese da Cuca vem sendo motivo de reflexão por parte dos mais referendados folcloristas brasileiros:

Para Câmara Cascudo (citado por Melo, 1985, p. 25), a cuca pode ter três origens. De Santa Coca que aparecia nas procissões da província do Minho, em Portugal. Também no Minho, coca é o nome popular de abóbora que, assim como em nossos dias, era perfurada desenhando-se nela os contornos dos olhos e da boca, e colocando-se uma vela acesa dentro. A terceira possível origem é a partir de “Farricoco”, personagem amedrontador, vestido com uma túnica que acompanhava a procissão de Passos, no Algarve, também em Portugal. http://pt.wikipedia.org/wiki/Folclore_brasileiro#cite. Acesso em: 24.05.2012.

Em recente apresentação em Lisboa, chegou a informação da existência, na Espanha e em Portugal, de uma figura lendária chamada de Coca, um dragão morto por um anjo, mas que se fazia presente nas procissões em meados do séc. XIX, mito esse que teria chegado ao Brasil através da colonização. No site, abaixo citado, encontra-se referência a essa versão, complementada pela observação:

Com um toque brasileiro o dragão se transforma numa bruxa velha e muito estressada com os mesmos propósitos de roubar criancinhas; até na década de 80 sofrer as modificações de Monteiro Lobato, se transformando no que conhecemos hoje.” <http://www.radardanet.com/folclore-brasileiro-%E2%80%93-o-bicho-papao-e-a-cuca>. Acesso: 24.05.2012.

Da Universidade Estadual do Maranhão vem a colaboração de uma colega professora contendo os seguintes dados:

“... essa imagem é do Cazumbá, personagem do bumba-meu-boi so-taque da baixada, ele tem a função de proteção e representa lado dionisíaco e cômico da manifestação. Faz parte então da festa do Bumba meu boi, dos festejos juninos.”



Cuca na festa do Maranhão (foto da autora):

Chama a atenção nessa imagem o enfeite que ela porta na cabeça. Observa-se uma espécie de coroa bipartida no formato de dois cones truncados, com uma parte

central de cor vermelha e formato alongado, acompanhando os cones, que termina com a extremidade superior lembrando a ponta angular de um obelisco. Esse acabamento pode ser devido ao material empregado: o mosaico. Como se pode ver na figura seguinte, esse enfeite tem uma grande semelhança com a coroa de plumas que o deus Amun do Egito Antigo portava. Assim, a simpática figura do folclore brasileiro torna-se mais exótica e apelativa à atenção dos admiradores do Antigo Egito no Brasil.



Coroa do Deus Amun (Tebas, XVIII dinastia)

Neste momento é importante apontar para as análises advindas dos estudos do visual e do cultural (DIKOVITSKAYA, 2006: 2) que são valorizadas pela comunicação ágil via rede virtual, exibindo sua beleza e cores. Tais meios podem fazer circular de imediato as imagens colhidas no cotidiano e provocar as interpretações necessárias para questionar a presença dos traços inusitados apresentados pelas imagens, como a da Cuca de São Luiz do Maranhão.

Ora, como é evidente, o comitê de organização de um evento, ou o corpo editorial de uma revista eletrônica como a *Cadernos de História*, são espaços privilegiados para o levantamento de questões e a interpelação por colaborações, propiciando o surgimento de novos fóruns de discussão. Esse, aliás, é o caso do edital que segue transcrito:

... a atenção para a necessidade de estudos que mapeiem, na longa duração, as transformações em cidades ou regiões específicas de acordo com sua incorporação em estruturas imperiais mais amplas, como no caso dos reinos helenísticos ou do império de Roma. Ademais, essa “mediterraneanização” da História Antiga mostra que a divisão entre Ocidente e Oriente é ilusória (<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/chamada.php> Revista eletrônica)

Foi no contexto dessa interpelação que se levantou a hipótese das possíveis relações culturais entre o Brasil e o mundo mediterrânico, cujas influências aportaram por aqui, ao longo dos séculos de diferentes formas, transformadas e transculturadas (www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania) pela arte e ótica de intelectuais e artistas da modernidade. O desafio contido na ementa da revista é bem mais abrangente, na medida em que propõe a discussão sobre as unidades das análises e a reflexão sobre “*as diversas fronteiras que unem e separam grupos e indivíduos no mundo mediterrâneo antigo*” (<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/chamada.php> Revista eletrônica).

Para melhor entender a relação que este trabalho intenta discutir, conviria, antes de tudo, apresentar uma nova imagem de Tawret na concepção dos egípcios antigos:



TOSI & ROCCATI, 1971: 289

3. Estela funerária

Dentre as apresentações que despertam a curiosidade em relação à gênese da

Cuca, versando sobre incontáveis histórias de transculturação decorrentes da ação de indivíduos e/ou coletividades, há um estudo de caso que merece ser lembrado. Trata-se daquele concernente à recepção de um gênio minoiano feito em Creta, cuja origem foi diagnosticada como egípcia pelo arqueólogo Arthur Evans (1851-1941). Contestado na época, Evans sustentou sua teoria com novas evidências e achados. Recentemente, entretanto, essa transculturação foi novamente colocada em questão, recebendo uma tréplica por parte da arqueóloga Judith Weingartner, da Escola Britânica de Atenas. A referida pesquisadora argumenta que essa recente contestação sobre a origem egípcia do gênio minoiano é fruto de um entendimento insuficiente ou equivocado das evidências egípcias contemporâneas. E afirma:

Evidências do Médio Reino mostram que a deusa-hipopótamo ainda não tinha desenvolvido algumas das características iconográficas que estão associadas à Tawret mesmo tão cedo quanto no começo do Novo Reino. Estudiosos egeus habitualmente publicam imagens do Reino Médio, junto com aquelas do (digamos) Período Tardio como se elas fossem paralelas, como se o Egito Antigo fosse – sozinho entre todas as outras civilizações – um monolito imutável. É um ato de fé presumir que a deusa da Média Idade do Bronze (caso ela fosse deusa à época) tivesse muito em comum com sua irmã, mais tardia, melhor documentada. É metodologicamente inadequado projetar a deusa mais nova sobre a mais antiga, e ainda mais dúbio tentar interpretar o Gênio Minóico à luz das manifestações posteriores de Tawret. (WEINGARTNER, 1969: 3)

89

Para sustentar sua posição, Weingartner apresenta um estudo sistemático de doze representações da deusa egípcia Tawret em facas mágicas (Faca mágica, Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque). Entre as figuras apotropaicas das facas, Tawret é a mais popular, pois sua imagem comparece em 45 das 58 facas estudadas.

A partir dessas imagens, Judith sistematiza quatro tipos iconográficos de demônios-hipopótamo, cada um deles equivalente a um estágio cronológico da evolução da imagem (cerca de 2000 a 1650 a.C.), como se pode ver a seguir, configurando a deusa da fertilidade e protetora das embarcações, a esposa de Apep, um monstro em forma de serpente que travava uma batalha diária com o deus sol, Rá. Há inúmeras alterações na forma como a deusa é representada.

Tawret, em egípcio, *Toëris*, forma greicizada da Grande Mut, Era em verdade uma divindade menor no cotidiano egípcio: uma deusa doméstica representada como um hipopótamo prenhe, figurado ereto nas patas de trás, apoiado geralmente no sinal hieróglifo de proteção, o que sugere que as estatuetas votivas de Toëris confeririam proteção às mães no parto e às crianças (WEINGARTNER, 1969: 16).

Após estudos exaustivos, Judith Weingartner acabou por concordar com Artur Evans. Segundo ela, o gênio minóico presente - selo de Knossos, mamas pendentes, abdômen e umbigo proeminentes, apêndice dorsal, patas leoninas

semelhantes à Tawret – tinha realmente origem na deusa egípcia; o jarro de alça única e a mão na base constituíam-se na minoanização da imagem.



90

Para fundamentar essa conclusão, a investigadora lança mão dos seguintes argumentos:

- Os protogênios minóicos possuem paralelismos com o aspecto da Tawret de cerca 1800 a 1700 a.C, com exceção do jarro de uma alça só e da forma adotada para segurá-lo;
- Os minóicos importaram as duas formas egípcias assumidas por Tawret, tanto a forma com cabeça de hipopótamo, quanto a forma com cabeça de leão;
- Os minóicos sabiam na prática que o demônio com cabeça de hipopótamo e o com cabeça de leão referiam-se à mesma divindade. Eles podiam carregar o jarro ou um animal para sacrifício e ambos serviriam divindades ou heróis;
- O jarro era, provavelmente, o atributo original do gênio minóico.

Sintetizando suas conclusões, ela então finaliza com as seguintes palavras: *“É acordo geral que a forma do Gênio Minóico derivou da deusa Egípcia Tawret, muito embora ela pareça ter sido transformada de uma deusa para um “gênio”*

protetor pelas mãos dos Sírios...” (WEINGARTEN, 1969: 16).

4. Palavras de conclusão

O referido estudo de caso e os comentários sobre as semelhanças entre a aparência da deusa egípcia e a da Cuca brasileira motivaram a presente reflexão. A grande questão não é tão somente saber se o culto à divindade Tawret – adorada pelos operários de Deir el Medina, cujas origens muito provavelmente estão na Núbia – ultrapassou os limites da pequena vila, fundada no início da XVIII dinastia para abrigar os trabalhadores que iriam construir as tumbas dos faraós, das rainhas e dos nobres, no Vale dos Reis, e se espalhou pelo mundo mediterrânico contemporâneo, mas, e principalmente, descobrir se haveria a possibilidade de ele ter atravessado os oceanos e chegado ao contexto brasileiro. Será que as colunas de Hércules seriam capazes de deter a avalanche de signos africanos, sobretudo os egípcios, tão exóticos e atraentes? Ou, nas alterações decorrentes de um processo de transculturação, a deusa teria atravessado o Atlântico e chegado ao Brasil para, na segunda metade do século XX, via mídia brasileira, especialmente a televisiva, apresentar-se vitoriosa aos brasileiros, aqui travestida dessa exógena bruxa com cabeça de crocodilo e peruca loura? É verdade que, se o longo percurso manteve em parte sua aparência, ele alterou, mais que tudo, a sua natureza: de deusa protetora, a figura transformou-se em bruxa raivosa e punitiva.

91



<http://blogdositiopicapauamarelo.blogspot.com.br/2010/08/cuca-2001-2002.html>

Acesso 24.05.2012

Roberta Mânica Cardoso, ao analisar as alterações na imagem da Cuca,

considerando a estética contemporânea advinda de uma visualidade televisiva, faz menção às três fantasias diferentes, confeccionadas para a Cuca no período entre 2001-2005.

Na primeira em 2001, ela usava um vestido vermelho, uma capa azul, sapatos de salto alto, e cabelo penteado, na segunda em 2003, aparecia com uma camiseta amarela, saia verde, e o cabelo mais bagunçado. Na terceira em 2005, não usava mais vestidos, nem sapatos, e andava des-penteada sem se preocupar com a aparência. (CARDOSO, 2008: 107)

Entretanto, em nenhuma dessas versões a personagem do *Sítio do picapau amarelo* perdeu a cabeça de jacaré, tal qual o gênio minoano. Acredita-se que uma análise mais aprofundada, de cunho interdisciplinar, sobre a temática poderia levar, certamente, a instigantes revelações acerca dos empréstimos culturais tomados do Egito antigo, tão descaradamente apropriados e transformados pelos brasileiros contemporâneos.

A Cuca é, assim, assunto sério: sua figura condensa apropriações de formas exóticas e sedutoras, ligadas à religiosidade e criadas em tempos remotos, mas que hoje comparecem anualmente, transformadas e festejadas, em comemorações de diferentes ordens, por várias cidades brasileiras, revelando o fascínio exercido pela iconografia. Afinal, sua imagem vem marcando a infância de parte significativa da população brasileira, sendo ainda hoje exibida e consumida por crianças de diferentes rincões deste país.

Referências Bibliográficas

BAKOS, M.M. “A presença egípcia no Mediterrâneo antigo: deuses e símbolos”. In.: CANDIDO, M.R. (org). *Memórias do Mediterrâneo Antigo*. Rio de Janeiro, NEA, PPGH. UERJ, 2010

CARDOSO, M. R. Imagem, linguagem e comunicação: a estética contemporânea na visualidade televisiva da personagem Emília em *O sítio do Picapau Amarelo*. Porto Alegre, Programa de Pós-graduação em comunicação social, PUCRS, 2008.

DIKOVITSKAYA, M. *The study of the visual after the cultural turn*. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 2006:2

HART, G. *A dictionary of Egyptian Gods And Goddesses*. London and New York, Routledge & Kegan Paul, 1986.

LUCA, T.R. “Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n’A barca de Gleyre”. In.: CASTRO GOMES, A. (ORG) *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

MATTA, Roberto da. “Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente dualidade brasileira”. In: SCHLEE, Aldyr Garcia; SCHÜLER, Fernando Luis; BORDINI, Maria da Glória. *Cultura e identidade regional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TOSI M. & ROCCATI, A. *Stele e altre epigrafi di Deir el Medina*. Torino, Edizioni d’Arte, 1971.

VENANCIO, G. M. “Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história”. In.: CASTRO GOMES, A. (org) *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

WEINGARTNER, Judith. *The transformation of Egyptian Tawret into Minoan Genius: a study in cultural transmission in bronze age*. *Kadmos*, v. 87, 1969.

Sites de internet:

93

http://pt.wikipedia.org/Folclore_brasileiro#cite. Acesso em: 24.05.2012.

<http://www.radardanet.com/folclore-brasileiro-%E2%80%93-o-bicho-papao-e-a-cuca>. Acesso: 24.05.2012.

<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/chamada.php>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Folclore_brasileiro#cite_note-Travassos-7. Acesso: 24.05.2012.

<http://blogdositiopicapauamarelo.blogspot.com.br/2010/08/cuca-2001-2002.html>

Acesso 24.05.2012